

A IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR E A RELAÇÃO COM O LUGAR

THE NARRATIVE IDENTITY IN PAUL RICOEUR AND THE RELATION WITH THE PLACE

Maurício Ferreira da Silva

Bacharel em Teologia pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel)
E-mail: mauricio.ferreiradasilva@hotmail.com

RESUMO:

A presente pesquisa tem por objetivo refletir alguns aspectos da vasta produção de Paul Ricoeur acerca de seu conceito de Identidade Narrativa. Partindo de uma breve reflexão sobre as dimensões da ipseidade e da mesmidade, evidencia-se a mediação narrativa como propiciadora da compreensão da identidade do si. O ato de narrar configura a história de uma vida. Por fim, se busca relacionar a identidade narrativa, a narração de si mesmo e sua história de vida, com o lugar onde ocorrem estas relações sociais, em suas expressões naturais e culturais, compondo o espaço geográfico onde ocorrem as experiências humanas. Esta troca com o lugar abre margem para a reflexão dos fatores externos que influenciam na identidade do sujeito, lugar este compreendido como o espaço geográfico em que se dão as relações dinâmicas de uma vida, tais como a rua, o bairro, o campo e os constituintes sociais e humanos deste meio.

PALAVRAS-CHAVE:

Identidade Narrativa; Si mesmo; Ipseidade; Mesmidade; Lugar.

ABSTRACT:

The present research aims to reflect some aspects of Paul Ricoeur 's vast production of his concept of Narrative Identity. From a brief reflection on the dimensions of ipseity and sameness, it was tried to evidence narrative mediation as propitiating the understanding of the identity of the self. The act of narrating sets the story of a life. Finally, we seek to relate the narrative identity, the narration of oneself and its life history, to the place where these social relations occur, in their natural and cultural expressions, composing the geographical space where human experiences occur. This exchange with the place opens the door for reflection on the external factors that influence the identity of the subject, a place understood as the geographical space in which the dynamic relations of a life, such as the street, the neighborhood, the countryside and The social and human constituents of this environment.

KEYWORDS:

Narrative Identity; Yourself; Ipseidade; Same; Place.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo busca refletir acerca da Identidade Narrativa, a partir da obra de Paul Ricoeur, para isso, será utilizado o quinto estudo da obra *O Si-Mesmo como Outro* (2014) e a conclusão do *Tempo e Narrativa III* (2012) como referencial teórico. Partindo da ideia da narrativa na compreensão de si e, portanto, na constituição da identidade pessoal, se dará ênfase às relações que acontecem no “lugar” e também a influência desse no processo de constituição da identidade pessoal.

Para Paul Ricoeur, não há fragmentações entre os gêneros narrativos da vida real e da ficção, pois ele propõe a unidade que é a temporalidade, ou seja, na temporalidade estão presentes todas as experiências humanas. De acordo com Bona, “talvez o processo temporal só possa ser compreendido na medida em que possa ser narrado” (BONA, 2011, p. 48). Ricoeur, desse modo, evidencia que podem ser narradas aquelas ações que são praticadas no decorrer do tempo.

No ano de 1986 profere conferências em Edimburgo, o que terá como resultado sua obra: *O Si-Mesmo como Outro*, onde ele faz a distinção entre a identidade *idem* e a *ipse*, a primeira referente àquela identidade da mesmidade, das características objetivas, daquilo que não muda no sujeito, já a segunda refere-se à identidade correspondente às mudanças que o sujeito é capaz de desenvolver, representando o que é mutável na sua constituição identitária.

A narrativa dos fatos temporais constitui a identidade do sujeito ao passo que supera a problemática da permanência no tempo. Portanto, buscar-se-á na presente pesquisa investigar, mesmo que limitadamente, elementos da Identidade Narrativa em suas duas faces: *Idem* e *Ipse*, dando ênfase à influência do lugar na constituição desta identidade pessoal.

Este estudo tem como objetivo evidenciar a importância do tema da identidade, considerando a importância do lugar onde se dão as vivências da pessoa, tais como os elementos culturais e sociais, os quais a influenciam e enriquecem. Neste sentido, por

questões metodológicas, dividir-se-á esse estudo em três momentos, a saber: no primeiro momento se apresentará brevemente como Ricoeur concebe a identidade na temporalidade, para isso será abordado a identidade ‘*idem*’ e a identidade ‘*ipse*’. Em um segundo momento se abordará a Identidade Narrativa como elo entre as dimensões *idem* e *ipse* que darão sentido às permanências e mudanças da identidade do si no processo de configuração e refiguração da sua vida através do enredo narrativo de sua história. No terceiro momento, se propõe o diálogo entre a ideia de identidade do sujeito e a troca que este faz com o lugar em que vive, compreendendo o lugar como a porção do espaço geográfico rico em significado individual e coletivo em que se estabelecem as relações sociais.

II. IDENTIDADE IDEM E IPSE

Paul Ricoeur no início de seu quinto estudo da obra *O si-mesmo como outro*, levanta a questão da história do próprio sujeito que ao autodesignar-se estará significando o mundo. Nesse âmbito ele se propõe a trabalhar a identidade pessoal considerando a dimensão temporal da existência humana neste processo. E, por isso, ele aprofundará a teoria narrativa que se refere ao ‘*si*’, ao passo que o sujeito narra sua própria história.

A teoria narrativa terá papel fundamental e, segundo Ricoeur, menos polêmica e mais construtiva quanto aos paradoxos da identidade. Para tanto, é necessário, se ater aos dois conceitos de identidade que Ricoeur emprega: identidade como mesmidade (*idem*) e identidade como ipseidade (*ipse*). Segundo Ricoeur, a identidade *idem* coroa a problemática da permanência no tempo, o qual considera como o problema da identidade pessoal.

A mesmidade está voltada às relações e Ricoeur começa por salientar a identidade numérica, e assim ele mesmo descreve:

Identidade, aqui, significa unicidade: o contrário é pluralidade (não uma, mas duas ou várias); a esse primeiro componente da noção de identidade corresponde a operação de

identificação, entendida no sentido de reidentificação do mesmo, de tal modo que conhecer é reconhecer: a mesma coisa duas vezes, n vezes. (RICOEUR, 2014, p. 115).

Nesse ponto, Ricoeur chama a atenção para a distância de tempo entre as ocorrências, o que dificultaria a identificação do sujeito, principalmente no que se refere às características físicas. A essa face da identidade, o autor lembra a identidade física, que no decorrer do tempo pode diferenciar-se, eliminando possíveis vestígios que comprovem a sua identificação.

E é justamente vindo ao encontro deste problema da distância do tempo, que Ricoeur evoca ao terceiro elemento da identidade: a continuidade ininterrupta. Este critério já lembra a permanência no tempo. Nesse sentido Ricoeur explica:

A demonstração dessa continuidade funciona como critério anexo ou substitutivo da semelhança; a demonstração baseia-se na seriação ordenada de pequenas mudanças que, tomadas uma a uma, ameaçam a semelhança, mas não a destroem; é o que fazemos com fotografias que nos retratam em idades sucessivas da vida; como se vê, o tempo é aqui fator de dessemelhança, divergência, diferença. (RICOEUR, 2014, p. 116).

Frente a possibilidade de a identidade ser colocada em dúvida com o passar do tempo, sugere-se a continuidade ininterrupta e, Ricoeur apresenta a permanência no tempo; nesse aspecto o autor chama a atenção para a “permanência do código genético de um indivíduo biológico” (cf. RICOEUR, 2014, p. 117). Isso reforça o que há de mais característico na identidade como ‘mesmidade’, ou seja, aquilo que permanece durante um período de tempo, podendo ser uma vida inteira, daquilo que é mais próprio de cada pessoa.

O quinto estudo de O Si-Mesmo como outro tem por norte a identidade ‘ipseidade’, como o próprio Ricoeur deixa claro. Ele pretende que a ipseidade do si seja como sinal diante do problema da permanência no tempo, o que ele

mesmo considera como algo difícil, mas que é possível através do caráter e palavra cumprida. Acerca disso, ele afirma: “em ambos, tendemos a reconhecer uma permanência que dizemos ser de nós mesmos.” (cf. RICOEUR, 2014, p. 118).

É importante ressaltar a concepção de caráter como o conjunto de signos distintivos que se refere Ricoeur (2014), pois são estes que caracterizam o sujeito ao passo que o distinguem dos demais à sua volta. O autor ainda lembra bem, as identificações adquiridas que se referem aos valores e ideais que a pessoa ou sua comunidade adquirem, ou seja, a identidade formada através dos modelos sejam eles heróis ou figuras importantes no meio em que vivem, de modo que a pessoa e a comunidade como um todo se reconhecem, gerando certa lealdade ao ideal, promovendo a ‘manutenção de si’, através desse processo. Ricoeur (2014) explica:

A identificação com figuras heroicas manifesta claramente essa alteridade assumida; mas esta já está latente na identificação com valores, que faz pôr uma “causa” acima da própria vida; um elemento de lealdade, de lealismo, incorpora-se assim no caráter e o faz transformar-se em fidelidade, portanto em manutenção de si. Aqui os polos da identidade se compõem. Isso prova que não se pode pensar até o fim o idem da pessoa sem o ipse, visto que um se sobrepõe ao outro. (RICOEUR, 2014, p. 122).

Ricoeur na continuidade do diálogo sobre o caráter traz presente um elemento importante, a ética, por isso une ao caráter às preferências valorativas. Através disso acontece que a pessoa forma suas preferências e disposições, o que contribui para definir o aspecto ético do caráter. Acerca disso, Ricoeur afirma:

Isso se faz por um processo paralelo à aquisição de um hábito, a saber, pela interiorização que anula o efeito inicial de alteridade, ou pelo menos o transfere do fora para o dentro. (RICOEUR, 2014, p. 122).

Neste sentido, Ricoeur faz menção a um detalhe muito importante: um tipo de permanência no tempo que não o caráter e,

sim, o cumprimento da palavra, desse modo esse cumprimento expressaria a manutenção de si a nível pessoal. Essa fidelidade à palavra dada e cumprimento da promessa, eticamente falando, resolve o problema que se apresenta frente à mudança, pois se mantém a palavra dada. Isso sendo posto no campo ético, já se justifica.

Essa justificação ética, tomada como tal, desenrola suas próprias implicações temporais, a saber, uma modalidade de permanência no tempo capaz de ser polarmente oposta à do caráter. Aí, precisamente, ipseidade e mesmidade param de coincidir. Aí, por conseguinte, dissolve-se a equivocidade da noção de permanência no tempo. (RICOEUR, 2014, p. 125).

A pergunta, quem sou eu? Revela a influência que Ricoeur recebeu de Heidegger na obra *Ser e Tempo*, bem como de Hannah Arendt através da obra *A condição humana*. Com isso, se entende que a permanência no tempo é o problema que se ocupa a hermenêutica de Ricoeur, isso tanto na identidade idem como na ipse. Vale lembrar que na ipseidade a permanência no tempo se refere à pergunta pelo quem sou eu.

Referindo-se à pergunta pelo quem? Lembra-se do autor da ação, ou seja, quando se chega ao 'quem' de alguma ação, conta-se a história de uma vida, ou melhor, revela-se sua identidade narrativa.

Podemos dizer que a identidade constituída pela narrativa, isto é, um modo de discurso vivo que por seus traços de organização, de configuração das ações, constituem uma história dando uma unidade, a saber, uma unidade narrativa da vida de uma pessoa, está estreitamente relacionada com o forte vínculo entre ação e discurso proposto por Arendt. (NASCIMENTO, 2009, p. 38).

É importante o questionamento pelo: quem sou? Embora complexa, a identidade narrativa procura responder a esta questão no que se refere às dimensões da permanência

e das mudanças no decorrer do tempo vivido. Neste primeiro capítulo se procurou, ainda que brevemente, salientar alguns elementos das dimensões ipse e idem da identidade e que estão profundamente relacionados ao próximo capítulo, sendo assim, se tentará abordar a Identidade Narrativa como o elo que une e promove o diálogo entre estas dimensões da identidade.

III. IDENTIDADE NARRATIVA

O diálogo de Ricoeur acerca da Identidade pessoal constantemente se vê frente à questão do tempo, ou seja, a permanência de uma identidade nos meandros da temporalidade. Nascimento (2009) contribui nesse percurso de investigação do trajeto que Ricoeur percorre lembrando que "as experiências temporais são inerentes à pessoa que as têm" (NASCIMENTO, 2009, p. 45). Desde já, verifica-se a importância da experiência pessoal no tempo.

Diante da dificuldade de definição do tempo, e da relação do mesmo com a identidade, Ricoeur recorre à narratividade como resposta às experiências humanas na temporalidade. A narratividade aqui ganha um sentido novo, ela é a condição para o aparecimento do tempo, e o tempo onde acontecem as experiências do indivíduo e que podem ser narradas. Para Ricoeur, "a temporalidade não se deixa dizer no discurso direto de uma fenomenologia, mas requer a mediação do discurso indireto da narração." (2012, p. 411). Com isso, toma-se a narrativa como a guardiã do tempo.

Aqui se chega à ação, o que é eminentemente próprio da vida humana, e cada indivíduo pode revelar-se quem é através das suas ações. Esse lugar das ações é configurado pela narrativa, e aí se constrói o mundo do texto o qual deriva das experiências humanas. Segundo Ricoeur, através da interpretação deste mundo textual é que se pode interpretar a si mesmo.

Chega-se propriamente a uma concepção narrativa da identidade do si, quando se dá o passo da ação para a personagem. A personagem, por sua vez, está inculcada na

narrativa, sendo, pois composta em enredo. "É personagem aquela que executa a ação na narrativa." (RICOEUR, 2014, p. 149). Essa correlação da personagem à história está, segundo Ricoeur, restringida à Poética de Aristóteles, onde a identidade da personagem estaria ligada à da própria história.

Através desta relação entre a ação e a personagem, Ricoeur deixa claro que surge uma dialética interna, assim na narrativa a pessoa que é a personagem não está separada de suas experiências, mas está bem próxima ou compartilha da identidade dinâmica, o que é próprio da história narrada. Como se percebe, Ricoeur define que a personagem da história constitui a identidade da personagem: "A narrativa constrói a identidade da personagem, que pode ser chamada de sua identidade narrativa, construindo a identidade da história narrada" (RICOEUR, 2014, p. 155).

Portanto, compreende-se que Ricoeur defende a mesmidade como o caráter imutável da pessoa e a ipseidade como a identidade que realiza a manutenção de si. Agora o autor propõe a mediação entre essas duas instâncias por meio da dialética da personagem. Esta função mediadora, por sua vez, é feita pela identidade narrativa.

Ricoeur recorre à Hannah Arendt que afirma que ao responder pelo quem é contar a história de uma vida. Aqui aparece fortemente a identidade narrativa neste anseio por evidenciar o quem da ação, e também como resposta a uma possível contradição de um lado um indivíduo imutável embora os diversos estados de sua existência e de outro, "que esse sujeito idêntico não passa de uma ilusão substancialista, cuja eliminação faz aparecer tão somente um puro diverso de cognições, emoções e volições" (RICOEUR, 2012, p. 418). Ricoeur continua afirmando que a solução é a identidade idem que se dá no sentido de um mesmo ceder espaço à ipse que é entendida como um si-mesmo. O que diferencia ambas é que uma idem é a identidade substancial e formal enquanto a ipse é narrativa.

em que sua identidade repousa numa estrutura temporal conforme ao modelo de identidade dinâmica oriundo da composição poética de um texto narrativo. Pode-se dizer, assim, que o si-mesmo é refigurado pela aplicação reflexiva das configurações narrativas. Diferentemente da identidade abstrata do Mesmo, a identidade narrativa, constitutiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida. (RICOEUR, 2012, p. 419).

O sujeito que narra sua história de vida constrói um enredo que dá significado às suas experiências pessoais, no lugar em que vive, que podem ou não ser partilhadas com o outro. Estas vivências podem ser refletidas pelo sujeito e suas experiências serem refiguradas e rumos novos serem tomados em sua vida. Dessa maneira a vida ao ser contada, narrada, está em constante refiguração fazendo "da própria vida um tecido de histórias narradas" (RICOEUR, 2012, p. 419).

Ricoeur, a esta altura, através da relação entre a ipseidade e a identidade narrativa, salienta que o 'si' não é o 'eu' egoísta e até narcísico, mas sim que o conhecimento de 'si' é resultado de uma vida examinada, "depurada, clarificada pelos efeitos catárticos das narrativas, tanto históricos como fictícias veiculadas por nossa cultura" (RICOEUR, 2012, p. 419). Ou seja, a ipseidade é de um 'si instruído pelas obras da cultura' que o indivíduo aplicou a ele mesmo. Interessante que a identidade narrativa pode ser aplicada ao indivíduo como à comunidade, pois para ambos esta se constitui em sua história (cf. RICOEUR, 2012, p. 419-420).

É importante considerar que Ricoeur concebe a identidade narrativa não livre de falhas ou uma identidade estável, mas que é sempre possível serem criadas diferentes tramas sobre a própria vida. Isso é evidente quando há 'troca de papéis entre a história e a ficção', de modo que as narrações históricas atraem o elemento ficcional e imaginativo desestabilizando a identidade narrativa. O que de certo modo é enriquecedor à identidade, pois se faz e refaz ou desfaz a cada narração.

A ipseidade pode escapar ao dilema do Mesmo e do Outro na medida

Ricoeur cita o exemplo de Jesus, quando pergunta aos discípulos: quem dizeis que sou? Muitas foram as respostas. E isso é algo que se pode questionar a si mesmo. Esse movimento da narrativa permite o sair de si ao passo que é um exercício da imaginação mesmo pertencendo à categoria da ação.

A identidade possui a dimensão externa, mas, sobretudo interior, é uma descoberta que se revela no lugar e dele recebe influência, mas é antes de qualquer coisa uma disposição interior. E a partir desta concepção o si se lançará na aventura de encontrar a si mesmo e assim de maneira consciente ir ao encontro do outro e estabelecer sólidas relações com o lugar ao qual pertence, é o que se propõem evidenciar no terceiro capítulo: o si relacionando-se com o seu lugar, nele atuando e dele recebendo influência e partir da sua capacidade reflexiva dando sentido e significado à sua existência.

IV. IDENTIDADE E O LUGAR

Até o momento se procurou evidenciar o movimento interior que ocorre para constituição da identidade. Nesse processo de identificação do si, revela-se o quanto é necessária a reflexão, ou melhor, o refletir-se. Nesse caminho de pensar a si, narrando e reescrevendo sua história o indivíduo se percebe agente e autor de sua jornada. É importante ter clareza nesse percurso, de que a identidade está marcada pela dimensão da imutabilidade por um lado e por outra inculcada daquilo que de mais enriquecedor existe, a capacidade do diálogo, do crescimento, da construção, da mudança, envolvendo ambas as dimensões identitárias.

A identidade do si, é representada pelas dimensões idem e ipse propostas por Paul Ricoeur, como já fora destacada em capítulos anteriores. Socialmente falando existe em escala maior ou menor a mesma relação nas comunidades sejam elas grandes ou pequenas. O sujeito está presente desde seu nascimento até sua morte em uma ou várias dessas realidades, de onde recebe

influências diretas que culminam na sua formação pessoal. Não há indivíduo, por mais isolado que seja, que não realize trocas com o meio em que está inserido, construindo assim o sentimento de pertencimento ao seu lugar, que podem ser diversificados no decorrer de sua existência.

O que de fato se sabe, é que o indivíduo está presente em um 'lugar', interagindo com o meio natural e social, imerso em uma complexa rede de convivência, e ali age e se descobre enquanto indivíduo pertencente a 'si' e vivente em um 'meio'. É instigante pensar o quanto as pessoas são complexas, lembrando que são dinâmicas e não estão paradas no tempo e no espaço, mas sim se construindo e reconstruindo-se nas profundidades daquilo que constituem sua identidade pessoal.

Neste diálogo sobre a identidade do si que pode ser narrada e ali ganha seu significado, vale considerar o elemento cultural ao qual o indivíduo faz parte. Do mesmo modo como a identidade é imutável e dinâmica a cultura se mostra também com certo grau de maleabilidade. O antropólogo Gilberto Velho a expõem nos seguintes termos: "A cultura não é, em nenhum momento, uma entidade acabada, mas sim uma linguagem permanentemente acionada e modificada por pessoas [...] que tem experiências particulares" (VELHO, 2013, p. 45).

As sociedades contemporâneas se mostram bastante heterogêneas, e estas diferenças que ocorrem entre os indivíduos levam ao questionamento acerca da identidade. Até que ponto se pode definir os limites culturais que definiriam as identidades sociais, principalmente em um mundo globalizado? Logicamente, as pessoas carregam marcas daquilo que é próprio de seu lugar, e levam-nas por onde forem como aquele 'tesouro indispensável' em qualquer realidade que se encontrem. Ainda assim: "é evidente que existe uma básica diferença entre uma identidade socialmente já dada, seja étnica, familiar etc., e uma adquirida em função de uma trajetória com opções e escolhas mais ou menos dramáticas" (VELHO,

2013, p. 62).

Esses estímulos proporcionados pela sociedade contemporânea levam a diversos comportamentos que resultarão em muitas trajetórias de vida. Alguns reagem a partir daquilo que consideram o mais viável, seja através dos valores de sua religião, partido político, família, etc. outros tantos se tornam apáticos às propostas externas, outros ainda perpassam por várias experiências. "Essa coexistência, mais ou menos tensa, entre diferentes configurações de valores é uma das marcas de vida na sociedade moderna" (VELHO, 2013, p. 63).

No discurso sobre a identidade, é bom lembrar os conceitos de 'memória' e 'projeto' que Gilberto Velho considera salutar para a constituição da identidade. Velho (2013) menciona dois tipos de sociedades, as tradicionais e as de ideologias individualistas. As ditas tradicionais não carregam tão fortemente o caráter de individualização, onde as biografias ganham valor exacerbado, mas o indivíduo faz parte do todo do grupo, "a memória socialmente relevante é a da unidade 'encompassadora'" (VELHO, 2013, p. 63). Aqui fica claro que nessas sociedades, pertencer à aldeia, ao grupo é mais importante que destacar o caráter pessoal, e por isso levar a identidade do grupo em frente e todos os valores.

A diferença primordial se dá entre duas instâncias: individualização e individualização. A primeira é o lugar que cada indivíduo ocupa na sua existência, é o 'si' que se faz partícipe na sociedade, com suas contribuições que enriquecem o grande grupo. A individualização faz parte do movimento social que culmina nas 'ideologias individualistas', fazendo parte de certo modo, do egoísmo difundido, "que fixam o indivíduo socialmente significativo, como valor básico da cultura" (VELHO, 2013, p. 64).

Neste sentido, Velho propõe a relação entre 'memória' e 'projeto', elo este que contribuiria para a constituição da identidade, para tanto ele destaca a contribuição de Alfred Schutz que considera o projeto como a

conduta organizada que o indivíduo ou grupo utiliza para alcançar finalidades específicas. Com isso, entende-se que é indivíduo-sujeito todo aquele que faz projetos, entendendo-os como a antecipação no futuro da trajetória que o sujeito irá realizar através de objetivos que almeja alcançar. A memória por sua vez permite uma visão do trajeto já feito em tempos passados, implicando na biografia do sujeito. "O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria identidade" (VELHO, 2013, p. 65).

Aqui se chegou a um ponto importante que de certo modo dá sentido ao que se propõem refletir neste estudo, a significação que o ser humano dá ao mundo em que vive, pois ele possui esta capacidade de elaborar o mundo onde acontece o enredo de suas vivências, capacidade esta, própria do ser humano. O lugar é entendido aqui como o ambiente, ou ainda o 'cenário', constituído pelos elementos naturais, culturais, sociais, políticos, econômicos, religiosos, etc. onde o ser humano se percebe e percebe o outro, criando laços com o lugar a ponto de desenvolver o sentimento de pertencimento a ele.

A busca de sentido à vida é real a nível individual e social, o sujeito possui esta capacidade de significá-la através dos meandros da existência neste mundo, partindo da experiência que leva em sua memória busca alcançar ideais através de seus projetos.

Gilberto Velho além de observar a memória como algo descontínuo, mas que a identidade depende desta linha fragmentada que é a memória de uma vida eleva o projeto como uma relação do sujeito com o outro, definindo-o como 'intersubjetivo'. Assim, Velho define o projeto "como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo" (VELHO, 2013, p. 67, *itálicos do autor*).

A identidade permite o diálogo entre o sujeito, o lugar (sociedade/natureza) e o

projeto, sendo que o mesmo sujeito poderá possuir diversos subprojetos além daquele que é considerado o principal. Isso é comum pela diversidade de estímulos e propostas que oferece a sociedade plural contemporânea. É o sujeito na arte de construir-se e reconstruir-se.

Por isso mesmo, o projeto é dinâmico e é permanentemente reelaborado, reorganizando a memória do ator, dando novos sentidos e significados, provocando com isso repercussões na sua identidade. Assim a biografia, valorizada ao extremo em um mundo individualista, está sujeita a periódicas revisões e reinterpretções (VELHO, 2013, p. 67).

A identidade vai se constituindo nesta relação do que fora vivido e está no campo da memória e o que se pretende prospectivamente através do projeto. É o olhar para dentro que garante a constituição identitária do 'si'. Neste caminho o mundo em que o sujeito desenvolve suas relações ganha sentido através da interpretação que ele mesmo faz. O lugar ganha sentido, pois aquilo que fazia parte apenas do mundo exterior ganha novo significado na interioridade do indivíduo. Isso implica uma análise do si e também de sua relação com o outro, pois só aí acontecerá uma relação social.

Cada indivíduo faz sua experiência no lugar onde vive por isso a subjetividade é importante neste contexto, porém essa construção de seu mundo, o sujeito o faz com auxílio dos elementos que lhes são oferecidos por outros em sua comunidade, como objetos naturais que já estão dados antes mesmo de seu nascimento. Ao mesmo tempo, a sua comunidade de origem já possui uma interpretação dos fenômenos e que lhes serão transmitidas como valor do grupo. Estes valores podem ser referentes à sua própria comunidade e às relações com as demais, também quanto ao comportamento que se espera de um integrante dessa comunidade, bem como a relação com o sagrado, etc. Alfred Schutz, nesta reflexão, faz

um importante destaque para o papel pessoal na comunidade, ele quis mostrar, em suma, que as ideias por mais gerais que fossem, existem na comunidade através da mente de cada indivíduo que a absorve. Desse modo, cada pessoa, com sua interpretação concede um caráter particular àquilo que é de grande valor para o todo.

Um dado importante neste percurso de identificação do sujeito é percebê-lo integrado em um mundo que não é somente seu, mas que pertence aos seus semelhantes com suas experiências, interpretações e significações. Estes semelhantes fazem parte da realidade do sujeito e vice-versa, partilhando mutuamente do mesmo mundo. Alfred Schutz (2012) esclarece:

O homem toma como evidente a existência corpórea de seus semelhantes, assim como sua vida consciente, a possibilidade de intercomunicação e a historicidade da organização social e da cultura, assim como toma como evidente o mundo da natureza no qual ele nasceu. (SCHUTZ, 2012, p. 180).

Este sujeito pertence a um ambiente e a relação com o outro é parte de sua condição. Alfred Schutz ressalta que a relação com o Outro se dá em um 'ambiente comunicativo compartilhado', sem perder de vista que cada pessoa tem consigo o seu mundo subjetivo formado através de suas experiências. "Ele percebe o mesmo objeto que seu parceiro, mas com tonalidades que dependem de seu Aqui particular e de seu Agora fenomênico" (SCHUTZ, 2012, p. 181). O tempo se apresenta também de modo 'objetivo intersubjetivo', este tempo reuniria todas as experiências subjetivas do tempo.

Para Ricoeur, a relação com o outro se dá a partir da perspectiva do que ele é por si mesmo e não entendido como um outro eu (alter ego), ou uma reduplicação de mim, mas um outro verdadeiramente. Aqui se mostra importante a alteridade, ou ainda a 'mutualidade' que Paul Ricoeur considera de Aristóteles. Esta mutualidade é a comunhão, a capacidade ética de viver juntos àquilo que

se chama amizade.

À estima de si, a amizade acrescenta, sem nada subtrair. O que ela acrescenta é a ideia de mutualidade no intercâmbio entre humanos, cada um dos quais estima a si mesmo. O corolário da mutualidade, a saber, a igualdade, leva a amizade para o caminho da justiça, em que a comunhão de vida entre um pequeníssimo número de pessoas cede lugar a uma distribuição de papéis numa pluralidade em escala de comunidade política histórica. (RICOEUR, 2014, p. 207).

É notável o quanto Schutz eleva as experiências individuais fortemente influenciadas pela cultura preexistente e o outro que partilha do mesmo mundo vivido formando o chamado meio comunicativo comum, onde duas ou mais pessoas se comunicam mutuamente em um ambiente onde existem objetos em comum a ambos. Aqui é importante destacar que Schutz se ocupa com “a compreensão da outra pessoa no âmbito do mundo social.” (SCHUTZ, 2012, p. 187).

Alfred Schutz chega assim, na relação-do-Nós, onde os indivíduos partilhando do mesmo espaço consolidam suas relações, para tanto é preciso compartilhar “uma comunidade espacial e temporal” (SCHUTZ, 2012, p. 201) e que os indivíduos tenham consciência da presença do outro. Compartilha-se uma comunidade espacial no imediato momento que se tem contato com o outro ao passo que se compartilha uma comunidade temporal quando a experiência flui ao mesmo tempo, segundo Schutz, quando “estamos envelhecendo juntos”. (SCHUTZ, 2012, p. 202). Quando as pessoas participam das experiências umas das outras, Schutz denomina de uma relação “face a face”.

Schutz ainda traz o conceito de relação-do-Nós pura que vai além da mera presença do outro, mas a consciência da presença um do outro e conhecer que o outro também está consciente da sua presença. Esta relação permite o encontro com a outra pessoa, e

extrapola a condição de mera observação, mas se constitui em uma relação vivida em unidade.

O enredo da vida acontece em um ambiente entendido como o mundo da vida, como conceitua Alfred Schutz. Este mundo da vida é rico das diversas experiências subjetivas e objetivas, permitindo as relações sociais, baseada em valores culturais. O espaço físico pré-estabelecido influencia tanto nos aspectos econômicos como políticos, e tornam-se características de cada lugar as experiências que acontecem. Neste campo de relações é possível o encontro com o outro, e à medida que cada um toma consciência de si, formam-se as identidades do e no lugar.

Na conclusão de Tempo e Narrativa III, Ricoeur introduz a noção de Identidade Narrativa que pode ser pessoal ou comunitária que é contada, narrada de si mesmo, dando a noção de que a identidade é a história do sujeito. Esta ideia de que a identidade é a história do si narrada conduz a compreensão de um outro 'eu' que vive em si mesmo e que se reconhece na sua narrativa histórica é expressa na obra O si mesmo como Outro.

Em sua obra A memória, a história, o esquecimento, mais precisamente no texto intitulado O espaço habitado, Paul Ricoeur traz a discussão para o âmbito espacial onde se dão as relações do sujeito, para tanto ele recorre à geografia, ciência que analisa os fenômenos humanos com enfoque espacial, o que vai além da mera localização, mas a relação do homem com o meio em que vive. Ricoeur parte da noção de inscrição tendo como ideia as marcas exteriores que servem como apoio para a memória. É bastante ampla a noção de inscrição, por isso Ricoeur considera em um primeiro momento as condições formais da inscrição compreendidas como as mutações que afetam tanto a espacialidade como a temporalidade da memória viva do sujeito ou do coletivo.

Assim, se evidencia a historiografia como a memória arquivada das experiências no tempo e espaço. Ricoeur através da Estética transcendental de Kant aborda

o espaço/tempo, sobretudo pelo lado do espaço. Percebe-se aqui a contribuição da Geografia em sua abordagem espacial das experiências individuais e coletivas que se percebe partícipe de uma teia de relações no lugar, amparado pela memória que o afirma em seu pertencimento à comunidade. "O primeiro marco na via da espacialidade que a geografia põe em paralelo com a temporalidade da história proposto por uma fenomenologia do 'local' ou do 'lugar'". (RICOEUR, 2007, p. 157). Ricoeur eleva o lugar como 'ali onde está o corpo' e o deslocar-se promove a busca pelo seu lugar, ao passo que se não encontrado levaria a um grande vazio. "A inquietante estranheza [...] ligada ao sentimento de não estar em seu lugar mesmo em sua própria casa nos assombra, e isso seria o reinado do vazio." (RICOEUR, 2007, p. 158). A investigação sobre o significado do lugar se apoia em linguagens como localização e deslocamento, pois "elas falam de experiências vivas do corpo próprio" (RICOEUR, 2007, p. 158). O corpo desse modo serve como ponto de referencia para o sujeito se perceber em sua localização, nas dimensões corporais de distancia e tamanho. Segundo Ricoeur:

O corpo e sua manutenção no lugar ou mesmo seus deslocamentos para ser pensado e dito precisa de uma referência, uma coordenada no espaço. Com isso, Ricoeur evidencia o ato de habitar que ocorre entre o espaço vivido e o espaço geométrico, espaço este que é caracterizado por figuras tais como aquelas características específicas de cada lugar. Ricoeur considera o ato de habitar estritamente ligado ao de construir, assim destaca:

Este espaço construído que é também de certo modo geométrico é qualificado e superposto como lugar de vida, sendo, pois, de fixação ou circulação é concebido como lugar onde ocorrem as mais importantes interações da vida do sujeito. "Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material." (RICOEUR, 2007, p. 159) Estas palavras de Ricoeur evidenciam as dimensões temporais

e espaciais da narrativa, dando como exemplo as edificações, um prédio, uma casa, etc. em suas repetições e renovações no transcorrer do tempo.

É na escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho do tempo no espaço. Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus espaços públicos, suas praças, justamente denominados, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas. (RICOEUR, 2007, p. 159).

Ricoeur ressalta que para dar um significado digno de uma ciência humana é preciso elevar o grau de racionalização do lugar. "É preciso proceder do espaço construído da arquitetura à terra habitada da geografia." (RICOEUR, 2007, p. 160). Ricoeur lembra que Vidal de La Blache, geógrafo francês, eleva as concepções de meio, modo de vida, valorizando assim, os conceitos de lugar, paisagem e seus efeitos na superfície terrestre dos fenômenos humanos.

Com isso, se percebeu que o ser humano está inserido em um lugar, onde quer que ele vá estará realizando trocas com o meio em que vive, e neste processo das relações sociais o sujeito se percebe e pode narrar sua história de vida, percebendo sua identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de uma fenomenologia hermenêutica Paul Ricoeur investiga a problemática do si através da busca pelo quem da ação, sempre que questiona: quem é o sujeito da narrativa? Quem é o sujeito da

ação? Para isso se percorre os campos da fenomenologia tais como, da linguagem, da ação, da narrativa. Esta aparente dispersão se deve à eminente capacidade de Ricoeur em propor o diálogo entre as diversas áreas da filosofia.

Ao propor o questionamento pelo quem? Ricoeur toma o si como resposta. "Interrogamos o si na medida em que tomamos a iniciativa de responder a uma questão a quem?, e não a quê?, ou porquê?" (RICOEUR, 1995, p. 19). A hermenêutica nessa investigação dialética promove a confrontação entre as filosofias fenomenológica e analítica, promovendo o percurso da investigação do si, indo além de um eu mais imediato.

Paul Ricoeur ao voltar sua reflexão para a hermenêutica do si propõe a distinção interna à concepção de identidade pessoal em suas dimensões da mesmidade e da ipseidade. Essas dimensões dizem respeito ao modo como se relacionam com o tempo. Sob a dimensão da mesmidade, Ricoeur evoca os critérios de identidade: numérica, que promove o reconhecimento da mesma coisa múltiplas vezes em suas aparições; qualitativa, que diz respeito à semelhança extrema de coisas que podem ser trocadas umas pelas outras sem perda semântica; genética, que pela continuidade ininterrupta garante que é o mesmo indivíduo desde o primeiro ao último estágio do seu desenvolvimento; a estrutura imutável de um indivíduo pelo código genético. O caráter também confere um grau de mesmidade à identidade pessoal desde que assumido, por isso a disposição é categoria indispensável à medida que confere história ao caráter pelo hábito. O caráter faz parte apenas da dimensão idem da identidade, pois quanto ao ipse, Ricoeur salienta:

À perseverança do caráter opõe-se a manutenção de um si apesar das alterações que afetam os desejos e as crenças, por conseguinte, de uma certa maneira, contrariamente à perseverança do caráter (RICOEUR, 1995, p. 28).

É na identidade narrativa que Ricoeur percebe a combinação entre as modalidades

idem e ipse, tanto em personagens de romance, históricas ou cada indivíduo que reflete a si mesmo em sua experiência no tempo. Isso deve-se ao fato da narrativa apreender a ação e o agente.

A unidade móvel da intriga dá à história contada a identidade puramente narrativa onde são capazes as ações, enquanto a identidade narrativa se comunica da história contada às personagens, da qual podemos dizer que elas são postas em intriga ao mesmo tempo que a história na qual elas participam. (RICOEUR, 1995, p. 29).

A narrativa articula o tempo dando-o a forma da experiência humana. Estas experiências por sua vez podem ser narradas e revelam a identidade do si. Compreender a história narrada do indivíduo é perceber sua relação com o mundo à sua volta. A função narrativa nesse processo é de tornar mais clara e inteligível a história de vida seja do indivíduo como de uma comunidade histórica. Esta trama narrativa revela a identidade através do discurso a respeito de si mesmo.

Respondendo à pergunta pelo, quem? Está sendo contada a história de sua vida. Essa mediação narrativa adentra as profundidades da identidade do sujeito, é o olhar interior que revelará ontologicamente quem ele é. A resposta poderá não ser imediata, mas a mediação narrativa permite que se revele ao passo que exista a disposição para tanto. Esta narração não se limite apenas a um caráter descritivo, mas implica compromisso e engajamento até mesmo responsabilidade ética da ipseidade, pois a identidade narrativa pertence à categoria da ação e não da imaginação.

Tanto o sujeito ao narrar sua história de vida como a comunidade, evidenciará elementos do meio em que ocorreram os fatos, e este meio é lugar das experiências humanas. Esta pesquisa quis relacionar a hermenêutica do si proposta por Ricoeur através da mediação narrativa e os elementos do lugar ao qual este sujeito pertence. Nesta dialética entre o sujeito e o seu lugar evidenciar a sua identidade de forma mais enriquecedora,

naquilo que é próprio das profundidades de sua interioridade e das influências externas que direta ou indiretamente interferem na constituição da sua identidade.

O lugar é compreendido como o ambiente já existente antes do nascimento do sujeito, e que ao entrar em contato com o mesmo receberá influências na sua formação pessoal. Tais valores podem ser acrescidos através de novas experiências no decorrer de sua vida ou mesmo substituídos. O que fica claro é que este lugar é o mundo intersubjetivo pré-existente e que já fora experimentado e interpretado por seus antepassados, tornando-se, pois referência ao indivíduo que ali nasce, uma vez que os valores são transmitidos de geração em geração. A análise filosófica permite identificar as experiências que vistas retrospectivamente evidenciam as influências dos elementos do mundo na vida das pessoas. O mundo ao qual os indivíduos pertencem é intersubjetivo, e ali ocorrem as relações da vida cotidiana, de modo que o lugar se torna o cenário das ações e interações.

Este lugar pré-constituído é físico e também sociocultural, o que será diferente de lugar para lugar, pois é resultado de um processo histórico sendo diferente em cada região e cultura. Existem características que são comuns a todo gênero humano, tais como, um tipo de organização interna à comunidade, divisões internas entre os integrantes do grupo, visões de si próprios e concepções e modos de se relacionarem com os grupos externos, algum tipo de regulamento que estabelece os comportamentos aceitos em determinada sociedade. Os símbolos e tipos de lazer, expressões da arte, e marcos significativos nos ciclos da vida de cada um ou historicamente estabelecidos, que marcam grandes acontecimentos naquela comunidade. A relação da comunidade com o sobrenatural é algo que também é comum à humanidade.

O sentimento de pertencimento ao lugar nas manifestações do grupo revela o sentimento subjetivo de fazer parte e isso ganha sentido, pois existe compartilhamento

dos valores e interesses. Nessa relação aparece o papel pessoal, uma vez que o sujeito assume uma postura diante do que recebe como herança social em sua comunidade. Esse olhar para dentro possibilita a interpretação do seu próprio grupo, da sua missão e de si mesmo, para tanto o sujeito ao narrar-se sedimenta a sua identidade.

A abertura sincera para o olhar a si mesmo, nas suas dimensões interiores, suas potencialidades e limites de modo a construir uma personalidade equilibrada, considerando o mundo a sua volta ao qual pertence poderá gerar relações mais harmônicas e saudáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONA, Aldo Nelson. Interrogação sobre o sujeito: percurso dialógico do pensamento de Paul Ricoeur. In: LEONHARDT, Ruth Rieth.; CORÁ, Elsie José (Org.). **O legado de Ricoeur**. Guarapuava: Editora Unicentro, 2011. cap. 1.

GOFFMAN, Erving. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

NASCIMENTO, Cláudio Reichert do. **Identidade Pessoal em Paul Ricoeur**. 2009. 80 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós Graduação em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**, 6: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006. p. 268-273.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. **Da metafísica à moral**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

RICOEUR, Paul. Os paradoxos da identidade. In: WU, Roberto.; NASCIMENTO, Cláudio Reichert (Org.). **Pensar Ricoeur: vida e narração**. Porto

Alegre: Clarinete, 2016. Cap. 1.

RICOEUR, Paul. **O Si-Mesmo como Outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. p. 111-174.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa I: A intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa III: O tempo narrado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 415-423.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

VELHO, GILBERTO. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.